

O BRASIL DE TUHU

Os atores-contadores estão em cena. Os músicos tocam Alma Brasileira nº 2 (2º mov).

Rebeca - Antes de começar eu preciso contar. Não fiquem tristes é a vida. O herói dessa história morre no final. Quis dizer logo para que todos já fiquem sabendo desse detalhe, pois afinal de contas esta é a única coisa na vida que não temos como evitar, embora muitos tentem.

Gabriel - Bem, também se não tivesse morrido nosso herói estaria hoje com 124 anos e entraria então para o livro dos *Records* como o homem mais velho do mundo batendo a marca da francesa Jeanne Calment que morreu em 1997 com 122 anos e 164 dias.

Rebeca - Mas o fato é que ele morreu mesmo, mas a sua alma sobreviveu e vive ainda aqui entre nós, voando livre como um passarinho por cada canto desse nosso Brasil. A regra é para todos. Devemos morrer um dia, mas algumas pessoas conseguem viver para sempre. Elas se tornam imortais através dos seus livros, da sua arte, da sua música.

Gabriel - Mas agora vamos voltar um pouquinho no tempo, exatamente há 124 anos atrás. O ano era 1887. Um ano antes da abolição dos escravos, o Rio de Janeiro era a capital do Brasil, que não tinha ainda um presidente e sim um imperador, D. Pedro II, filho de D. Pedro I, que também foi imperador e que por sua vez era filho de D. João VI, que não foi imperador e muito menos presidente. Foi rei. Mas essa é uma outra história.

Rebeca - Em 1887 existiam no Rio de Janeiro cerca de 500 mil pessoas o que era muito pra época, pois apenas alguns anos antes havia somente a metade desse número. Já hoje nós somos mais ou menos 7 milhões, ou seja 14 vezes mais.

Gabriel - Mas voltando para o ano de 1887, mas especificamente para o dia 5 de março, no bairro das Laranjeiras nascia um peixinho...

Rebeca - Você quer dizer alguém do signo de peixes.

Gabriel - Éh, pois na verdade nascia mesmo era um passarinho.

Rebeca - Não! Não era um passarinho. Só a sua alma que era de passarinho.

Gabriel - Ih, é. E o que era mesmo que nascia?

Rebeca - O que nascia naquele momento era um trem.

Trecho de Trenzinho do caipira

Rebeca - Era um menino na verdade, mas quando nasceu não chorou, apitou.

Gabriel e Rebeca - Tuhúúúúú! Thaca-thaca-thaca-thaca. Tuhúúúúú!

Rebeca - O menino tinha pressa e com a força de um trem ele chegou ao mundo mostrando ao que veio. Era uma vez um peixe.

Gabriel - Era uma vez um pássaro.

Rebeca - Era uma vez um trem.

Gabriel e Rebeca - Era uma vez um menino, o menino Tuhu.

Para a música

Gabriel - Seu nome na verdade era Heitor, mas todos preferiam chamá-lo pelo apelido: Tuhu. Como o apito do trem. Desde bem novo Tuhu já mostrava a

todos sua alma livre e solta de passarinho. Que ficou mais solta ainda quando ele se mudou com a família para uma cidadezinha do interior de Minas Gerais, onde viveu por um tempo. Mal acordava e já começava a aprontar das suas. Levantava a saia das primas, amarrava os cadarços dos sapatos das visitas no pé da mesa, mexia nas panelas de Dona Noêmia - sua mãe, cortava os cabelos das bonecas das irmãs, puxava até rabo de gato e é claro que levava umas unhas pra deixar de ser atrevido, mas o pior é que ele não deixava. Nem unha de gato, nem pega de cachorro, nem cascudo de primo, nem pito de mãe. Nada parava esse menino que as vezes parecia estar em mais de um lugar ao mesmo tempo.

Rebeca – Tuhú! Tuhú! Você viu Tuhu? – perguntava a mãe a um dos filhos.

Gabriel - Está aqui. Ué, não está mais, mas estava aqui há um segundo.

Rebeca - Tuhuuuuú! Mas será possível que ele já está de novo atrás dos cantadores? Ôh, menino pra gostar de música. Parece até passarinho. Nada parava esse trem. Ou melhor, quase nada. Quando Seu Raúl, o pai de Tuhu, chamava ele congelava no mesmo instante. Sua voz era grave e possante, como a de um gigante.

Gabriel - Tuhu! (grave)

Rebeca - Oi papai!

Gabriel - Venha aqui agora. Quem mandou você mexer na minha clarineta?

Rebeca - Clarineta pra quem não sabe é um instrumento de sopro, uma prima da flauta. Tuhu ficou tão nervoso que gaguejou.

- Não fui eu nã... Foi o pri-pri-pri... o co-co-co-lé... a me-me-menin...
Ah, ninguém não pai, fui eu mesmo, desculpa.

Gabriel - Mas não era só o medo que fazia Tuhu parar. Era também a admiração, o respeito e o fascínio que o pai lhe provocava. Seu Raúl era um homem muito culto, muito inteligente e, além disso, um excelente músico. Assim que percebeu o interesse do filho resolveu estimulá-lo.

Muito bem, Tuhu. Já que você gosta de música vamos ver se leva jeito mesmo. Que som é esse? (silêncio)

Rebeca - Qual pai?

Gabriel - Ora, não está ouvindo? É surdo? Que som é esse? (*silêncio*)

Rebeca - Ahn, não estou ouvindo nada pai.

Gabriel - Pois essa é a primeira lição. O nada. A música precisa de pausas Tuhu.

Rebeca - Mas, pai...

Gabriel – Silêncio.

Rebeca – Mas pai...

Gabriel - Shhhhh!

Rebeca - Shhhhhh! (*para a plateia*).

Gabriel - Não pode ser sempre só um monte de notas umas em cima das outras. É preciso suspendê-las um instante para depois elas voltarem com toda graça e beleza (*exemplo sonoro*). Ah, e agora que som é esse, ouviu? (*como se tivesse escutado um som de repente*).

Rebeca - Tuhu percebeu que um som metálico e estridente que vinha da cozinha e respondeu:

Esse plin? Caiu um garfo papai.

Gabriel - Sim e qual foi a nota que ele deu ao cair no chão.

Rebeca - Foi Dó pai.

Seu Raúl ficou feliz com a resposta do filho e continuou a lição se dirigindo para o lado de fora da casa.

Gabriel - E que som é esse Tuhu?

Rebeca - Blém, é um sino!

Gabriel - E o tom, qual é?

Rebeca - É Fá.

Gabriel - E esse som? (*tema do Uirapurú*)

Rebeca - É de um passarinho.

Gabriel - E as notas?

Rebeca - Tuhu ouviu um instante e repetiu: Dó, sol, fá, mi, dó

Gabriel - Muito bem meu filho. E esse?

Rebeca - Tuhuuuu! É o trem papai. E o tom é lá.

Gabriel - Não meu filho, não é o trem. É sua mãe e está te chamando pra almoçar. Ah, mas o tom está certo.

Rebeca - Tuhu ficava muito feliz com as lições de música dadas pelo pai. Não demorou muito e ele já aprendia a tocar alguns instrumentos. Primeiro foi a clarineta, a prima da flauta, mas o que ele queria mesmo era tocar violoncelo. Tuhu adorava o som grave do instrumento que lembrava a voz do seu pai. Acontece que o violoncelo é muito grande e Tuhu ainda era um menino, mal tinha forças para segurar o instrumento. Mas um dia chegou a surpresa. Seu Raúl estava feliz com o progresso do filho que parecia mesmo levar jeito para música. Então, resolveu adaptar uma viola, uma prima do violino, um pouquinho maior do que ele é verdade e que é tocada assim como o primo violino aqui, assim no ombro. Seu Raúl mudou umas coisinhas e eis que a viola virou um violoncelo em miniatura, um violoncelinho para que Tuhu pudesse aprender a tocar. O violoncelo, diferente do casal de primos violino e viola é tocado aqui na frente, assim como o seu primão contrabaixo que fala mais grosso do que ele e é tão grande que o músico tem que ser tocado de pé. Tuhu não cabia em si de tanto alegria. Não sabia se abraçava mais o pai ou o violoncelo que para ele era a mesma coisa.

Gabriel - Na escola Tuhu era diferente da maioria dos alunos. Chegava sempre atrasado e nunca prestava atenção na aula. Vivia sempre no mundo da lua. Não por falta de respeito, mas por não concordar com o que era dito e com as normas da escola, numa época em que havia castigos como a palmatória e até se ajoelhar no milho. Certo dia, o professor não aguentou mais tanta displicência de Tuhu que estava descabelado, desarrumado e ainda por cima dormindo sobre a carteira.

- Tuhuuuuu!

Rebeca - Pois não professor.

Gabriel - Estava prestando atenção na aula Sr. Heitor?

Rebeca - Sim, senhor.

Gabriel - O professor não admitia mentiras e punia severamente os alunos mentirosos.

- Então, você está me dizendo que estava prestando atenção na aula. Então, me diga quem descobriu o Brasil?

Rebeca - Pedro Álvares Cabral.

Gabriel - O queixo do professor caiu. Como ele prestou atenção se estava dormindo? Mas a resposta de Tuhu ainda não estava completa.

Rebeca - Pedro Álvares Cabral, mas eu não concordo.

Gabriel - Como? – disse o professor quase desmaiando de susto.

Rebeca - Isso mesmo. Eu não concordo. Quando os portugueses chegaram os animais selvagens já não estavam aqui? E os pássaros que conhecem cada pedaço deste país e depois os índios que povoaram esta terra de norte a sul com suas danças, seus cantos, seus costumes e amor pela natureza? Eles sim é que descobriram o Brasil.

Gabriel - Os alunos aplaudiram de pé a resposta de Tuhu, mas a festa não durou muito.

- Sr. Heitor, você está expulso dessa aula e só entra na escola acompanhado dos seus pais.

Rebeca - Ah, quando o Sr. Raúl ficou sabendo o que tinha acontecido olhou sério para o filho. Ele não gostava de maneira nenhuma de indisciplina, mas sabia que Tuhu não era um menino qualquer. Sua resposta demonstrava inteligência, sabedoria. Mas tinha que fazer alguma coisa. Tinha que concentrar a rebeldia do menino em algo e o melhor para isso era mesmo a música que ele tanto gostava e mostrava talento.

Gabriel - Tuhu, você está de castigo. Vai ficar trancado no seu quarto e só vai sair quando terminar todas as lições no violoncelo.

Rebeca - Oba, obrigado pai! Já estou correndo para o meu castigo.

E lá foi Tuhu pagar feliz pela resposta dada ao professor. Assim Tuhu ia aprendendo pouco a pouco a linguagem mágica da música. Aprendia a reconhecer todos os sons ao seu redor e aprendia também o estilo de cada compositor, os temas e toda a história da música nos concertos que assistia com o pai em teatro lindos e grandiosos, parecidos com o teatro municipal que fica lá na Cinelândia no centro do Rio. Não deixem de ir um dia quando tiverem oportunidade. Nos concertos, orquestras com muitos instrumentos tocavam. Tocavam o coração do menino. O pai era mesmo um verdadeiro mestre, o melhor dos professores. Mas um dia o violoncelo tocou seu último acorde, soou pela última vez. O Sr. Raúl deu o seu último suspiro. Essa foi uma das maiores dores da vida do pequeno Tuhu. Ele não esperava por isso. Perdeu ao mesmo tempo o pai, o mestre e o amigo. O único que entendia a sua alma livre, musical. E o pássaro de repente ficou mudo. Estava engasgado. Com um nó na garganta. Tinha doze anos e estava só, ou pelo menos se sentia só. Só, sem o pai. Só, sem a música.

Prelúdio nº 4

Gabriel - Dona Noêmia, sua mãe, foi muito forte e corajosa. Tinha oito filhos para criar e começou a trabalhar fora, dando duro para manter a educação dos

filhos, mas ela não queria saber de Tuhu envolvido com música. Queria que ele fosse médico, um doutor. Tuhu não queria causar aborrecimentos a mãe e viveu neste tempo uma longa pausa. Um silêncio grande e doloroso. Ficou até doente, fraco e emagreceu de saudades do pai, do violoncelo, da música. Teve febre alta e no meio do delírio sonhou. Estava no teatro com o pai. *(Coloca casaca e pega a batuta)* Eles assistiam um concerto, mas havia algo estranho. Era ele quem estava na frente da orquestra. Ele via a si mesmo com casaca e com batuta na mão. Mas isso não era o mais estranho. Os instrumentos tocavam sozinhos no palco, sem nenhum músico. Agora o sonho mudava, ele era jovem e caminhava por uma floresta. Não tinham músicos e nem instrumentos. Ele regia o som do vento, o som dos pássaros, o som dos rios, o som da chuva e do trovão. Mais uma vez o sonho mudava e esse era bem estranho também. Ele agora estava mais velho e continuava regendo. Não uma orquestra, nem teatro e nem floresta. Ele estava em um campo de futebol e regia 40 mil crianças em um coro afinado.

Rebeca começa a cantar “O Pião entrou na roda; Vamos Maninha e Carnaguejo não é peixe” e convida a todos para cantarem juntos. Sustos. Grito.

Rebeca - Tuhu acordou assustado naquela manhã. Estava ensopado de suor, mas não havia mais febre. Ele correu então para o seu violoncelo e o abraçou e sentiu o calor do pai. Pegou o arco e tocou, fazendo as pazes com a música e prometendo jamais abandoná-la novamente. Os irmãos ouvindo o som grave do instrumento também sentiram a presença do pai, que sempre enchia a casa de melodias. A mãe ouvindo o filho tocar chorou. E prometeu a si mesma não interferir mais na vocação do filho. Pouco tempo depois Tuhu fez a Panqueca especialmente pra ela. Não panqueca de comer, mas uma música com esse nome.

Tuhu adorava panquecas e por isso tinha escolhido esse nome. Aliás, esse não é o único nome engraçado e infantil escolhido por Tuhu para as suas músicas. Ao longo da vida escolheria muitos outros: Picapau, Funil, o papagaio do moleque, saci pererê, assobio a jato, Carnaval das Crianças, a menina das nuvens, canção do pára-choque, ratoeira, entre outras.

Gabriel - E o tempo passa... Tuhu cresce e aos poucos a música cresce dentro dele também. Passam-se três anos e ele tem agora 16. Ele continua seus estudos. Gosta de desenho e matemática, mas é claro ama a música mais do que tudo. Dona Noêmia, sua mãe, mesmo tendo feito a promessa de não proibir o filho de estudar música ainda sonhava em vê-lo doutor. Mas o jovem Tuhu não aceitava negociação.

Rebeca - Não posso tocar só nas horas vagas, nos dias de folga. A música para mim , minha mãe, é tão útil como o pão e a água. Eu preciso dela para viver.

Gabriel - Um dia Tuhu estava em casa estudando o seu violoncelo depois do jantar quando ouviu um som diferente.

Choro E (maxixe improvisado).

Eram flautas, cavaquinhos e violões que pareciam chorar, mas não era choro de dor ou desespero. Era um choro até alegre, por incrível que pareça. Bem, eu nunca vi ninguém rir de tristeza, mas chorar de alegria não é tão incomum assim. Tuhu correu para a janela e foi aí que viu um grupo de músicos com os seus instrumentos bem no meio da rua.

Rebeca - Quem são vocês?

Gabriel - Somos os chorões. Nós tocamos o chorinho, mas é um choro...

Rebeca - ...de alegria, eu sei! Eu posso ir com vocês?

Gabriel - Claro! Pegue o seu instrumento. Junte-se a nós e se tiver umas bananas, um pedaço de pão será bem vindo também.

Rebeca - Tuhu não perdeu tempo. Com uma mão pegou um cacho de banana e com a outra o violoncelo. Pulou a janela e foi recebido com uma baita duma gargalhada.

Gabriel - Você está doido moleque? Vai a algum concerto? Como é que vai andar pelas ruas tocando isso? Seu violoncelo tem rodinhas? *(gargalhadas)* Pegue um instrumento menor, mais adequado.

Rebeca - Tuhu nem ficou chateado e num pulo entrou em casa com o violoncelo e no outro saiu de casa com o violão. *(Volta o Choro e maxixe improvisado)*. E saiu pelas ruas do Rio, há 100 anos atrás, chorando com seu violão. Ah, mas assim que Dona Noêmia soube ficou furiosa.

- Você quer o que da vida, Heitor? Virar um desordeiro, uma malandro, um vagabundo? Você vai viver de quê, meu filho? Vai passar fome, é isso o que quer? Pois eu te proíbo a ficar aí pelas ruas com esses tais chorões.

Tuhu percebeu que o tempo em sua casa já tinha acabado. Era hora de voar. Sua mãe não conseguia compreender sua alma musical. E assim aos 16 anos ele foi morar com sua tia Fifina que tocava piano. *(Invenção a 2 vozes de Bach)*. Com ela aprendia durante o dia sobre a música clássica de todos os tempos e principalmente sobre Johann Sebastian Bach, o compositor alemão nascido duzentos anos antes dele e que tanto o impressionava. Mas a noite sua escola era outra. Não tinha teto e nem paredes e muitos dos seus mestres não sabiam nem ler uma partitura. Eram eles: os chorões. Tia Fifina não se importava com isso e até o estimulava. *(Para a música)*.

- Vá meu filho e não chegue cedo demais. E tome, leve esse bolo de fubá que fiz para os seus amigos.

Choro nº 1

E lá ia o passarinho com seu violão embaixo do braço. O choro influenciaria muito a sua música daí em diante e mais tarde por sua contribuição deixaria de ser visto como uma música menor e sem valor ganhando a importância de grande música.

Gabriel - O tempo passou mais uma vez. Dois anos pra ser exato. Tuhu fez 18 e sentiu que já tinha aprendido o suficiente de choro e inquieto que era queria conhecer mais, aprender mais sobre a música do Brasil. Como não tinha dinheiro, dizem que vendeu todos os livros que o pai tinha deixado de herança e com isso pode financiar sua primeira jornada rumo ao Espírito Santo, a Bahia e Pernambuco. (*Virar a primeira imagem do cenário*) Ele anotou tudo o que viu e o que ouviu, conversou com as pessoas, conheceu novos instrumentos, novos pássaros e boas histórias.

Na Bahia Tem.

Rebeca - A segunda jornada aconteceu dois anos depois, quando Tuhu foi para o sul e encontrou um Brasil bem diferente do norte, mas ainda assim bem brasileiro (*Virar a segunda imagem do cenário*). Aos 21 anos foi para o mato-grosso e aos 23 parte para o Amazonas (*Virar a terceira, quarta e quinta imagens do cenário*). Encontra enfim a floresta dos seus sonhos, com tantos sons de rios, ventos, pássaros e toda sorte de bichos. Tuhu se encantou com orquestra tão maravilhosa e colossal. Mas desta vez não estava só. Convidou para essa viagem um companheiro que tinha conhecido na Bahia chamado Donizetti, que era bom músico e bom de boca, pois comia qualquer coisa que via pela frente e ainda assim vivia com fome. Juntos eles fizeram uma boa dupla e se apresentavam como músicos em qualquer lugar para poderem sobreviver. Tuhu recolhia ao mesmo tempo cada vez mais material para sua pesquisa. Anotava tudo o tempo todo, mas acontece que não é nada fácil viajar pela floresta Amazônica. Não é fácil hoje, imaginem há cem anos atrás. Muitos trechos eram percorridos de canoa, mas frágil que só, não era raro a canoa virar.

A Canoa Virou.

Gabriel - Oh, Villa! Ajuda aqui. Essa canoa está furada!

Rebeca - Quem mandou comprar uma canoa velha como essa?

Gabriel - Ah, mas Villa, meu camarada, foi o que deu pra comprar com o dinheiro da nossa última apresentação, tirando é claro o que gastei com umas coisinhas que comprei pra comermos durante a viagem, mas que infelizmente já acabaram, pois eu já comi tudo.

Rebeca - Você comeu nosso dinheiro todo Donizetti! E comprou uma canoa furada. Ah, se você não fosse meu amigo eu te jogava pros jacarés.

Gabriel - Que isso Vilinha! Calma amizade!

Rebeca - E com a discussão a canoa balançava mais ainda, até que virava e jogava-os com instrumentos, malas e cuias dentro dos rios. Muito registro importante se perdeu nas diversas vezes que a canoa virou. Para salvar o ganha pão que eram seus instrumentos musicais, já que dependiam deles para trabalhar, Donizetti e Vila passaram a amarrá-los junto com as trouxas de roupas junto ao corpo.

Gabriel - Um dia, após a canoa ter virado os dois estavam na margem do rio esperando as suas roupas secarem quando foram encontrados por um grupo de índios. Eles ficaram assustados. Os índios estavam armados com arcos e flechas e a cara não era de bons amigos. Na verdade os índios já estavam cansados de verem homens brancos explorando as suas terras e estavam dispostos a expulsar qualquer enxerido que se metesse por ali. Donizetti assustado começou a tremer e tentar rezar, mas não conseguia se lembrar de nenhuma oração: “Pa-pa-pa-pai nosso que estás nos céus... Ave Ma-ma-maria cheia de gra-graças”. Heitor, ao contrário, ficou tranquilo e calmamente pegou o violão. Os índios pensaram que era uma arma e puxaram o arco apontando suas flechas. Donizetti quase fez pipi na calça. “Quase não, eu já fiz”. Heitor começou a tocar seu violão e os índios se olharam surpresos e sorriram. Abaixaram as flechas e se sentaram em volta do músico para ouvi-lo. Quando a música acabou os índios aplaudiram e convidaram os dois para ir até a aldeia deles, que era ali perto, para comerem um pouco da caça que eles

traziam, uma enorme paca gorda. Essa era justamente a oportunidade que estava esperando. Na aldeia ficou um bom tempo. O suficiente para conhecer seus costumes e principalmente seus cantos festivos e rituais. Aprendeu também a identificar o canto dos pássaros e teve a sorte de presenciar o canto mais bonito da floresta: o canto do Uirapurú. E olha que não é nada fácil de se conseguir ouvir esse canto. Ele raramente é visto, pois vive na parte mais alta das árvores. E durante o ano todo só canta apenas durante quinze dias e só de dez a quinze minutos ao amanhecer e ao anoitecer. Mas assim que o ouviu o futuro maestro silenciou. Não só ele, a floresta toda silenciou.

Uirapurú.

Rebeca - Conta a lenda que em uma floresta calma e silenciosa apareceu certa vez um índio feio tocando uma flauta. Um grupo de índias que estavam colhendo frutas vinham cantando alegres pelo caminho, mas assim que viram o índio feio enxotaram ele dali com pancadas, empurrões e pontapés. Depois disso, elas decidiram ir embora, mas começaram a ouvir um canto de pássaro que nunca tinham ouvido. Era o uirapurú que com o seu canto espalhou logo alegria a todas. Mas, uma das índias, que era caçadora de pássaros, pegou o seu arco e flecha e acertou o pássaro que caiu na terra. Para surpresa de todos logo depois o pássaro começou a se transformar em um índio muito bonito. Mas de repente ouviu-se o som da flauta novamente. Era o índio feio. As índias, com medo dele querer se vingar por terem batido nele escondem depressa o belo índio. No entanto, o índio feio estava com muita raiva por ter apanhado injustamente. Pensando em se vingar pegou uma de suas flechas e atirou, acertando em cheio o coração do índio bonito. As índias ficaram tristes com a morte do belo índio e decidiram carregá-lo em seus braços, mas subitamente ele se transformou num pássaro invisível deixando-as tristes e apaixonadas a ouvir, apenas, o seu canto maravilhoso que desaparece no silêncio da floresta.

Gabriel - Depois dessa viagem Tuhu nunca mais seria o mesmo. Tinha amadurecido como pessoa e como músico. Não era mais um menino, já era

hora de deixar o apelido de lado. Agora era Heitor Villa Lobos, o compositor e em breve o maestro. Suas viagens pelo Brasil foram a melhor escola que poderia ter tido. Mas essas viagens não foram sempre reais não, Villa Lobos viajava também nos livros e nas gravações musicais que o amigo Roquete Pinto lhe emprestava. Sua fama ganharia o mundo, mas primeiro tinha que conquistar o seu povo. No seu 1º. concerto no Rio de Janeiro quando decidiu apresentar suas composições, frutos de suas viagens pelo Brasil Villa Lobos recebeu muitas críticas. Ninguém entendeu sua música. Muitos riram e outros até vaiaram quando viram que ele misturava a música clássica com a música folclórica, os violinos com os chocalhos, o piano com os tambores. Mas aos pouco as pessoas começaram a compreender que aquela música, apesar de diferente era única. Não demorou o convite para ir a Europa e em Paris, na França mostrou sua arte. Era comum na época ir para Paris para se estudar música. O Brasil, nessa época, copiava e imitava as tradições da Europa rejeitando as culturas dos negros, dos índios e dos brancos brasileiros. Assim que chegou todos perguntaram:

- E então, com quem o senhor vai estudar?

Rebeca – Eu não vim para aprender. Vim para apresentar a minha música.

Gabriel - Mas quem foram os seus mestres? Qual foi a sua escola de música?

Rebeca - Villa Lobos que era autodidata, isto é, estudava música por conta própria aproveitou a oportunidade para mostrar seu humor e irreverência de sempre:

- Sou filho da natureza. Viajei muito. Andei por todos os cantos da minha terra. Escutei os tambores dos índios nas noites cheias de mistério...

Gabriel - Então, está dizendo que aprendeu música com índios?

Rebeca - Não só com os índios, mas também com os negros que trouxeram seus ritmos da África, com os cantadores do sertão nordestino, com as lavadeiras nas beiras dos rios, com os pássaros e até com o papa.

Gabriel - Com o papa?

Rebeca - Sim, não sabia? Ele mora nas florestas do Brasil e anda com um manto verde.

Gabriel - O Papa? O senhor está doido senhor Villa lobos?

Rebeca - Ora doido está o senhor. Quando for ao Brasil eu te apresento a ele, o papa - gaio!

Rebeca: Depois de muitas viagens Villa Lobos voltou ao Brasil. Estava consagrado. Era respeitado por todos. Casou-se duas vezes e teve mais de mil filhos, quer dizer, mil músicas que eram como filhas para ele, pois filho de verdade ele não teve nenhum. E assim continuou compondo suas músicas e amando a sua terra, o seu país com o seu grande coração que tinha o formato do Brasil.

Gravação com a fala de Villa Lobos.

- O Brasil tem a forma de um coração. Todo brasileiro tem este coração. A música vai de uma alma a outra. Os pássaros conversam pela música. Eles tem coração. Tudo que se sente na vida sente-se no coração.

Rebeca - Villa Lobos não era um homem qualquer, era um gênio da música que não precisava morrer para entrar para a história. Ele já era imortal em vida, aos 45 anos ele conseguiu dar vida ao que sentia ao misturar Bach com as cantorias que tinha escutado pelo nordeste brasileiro dando origem ao

conjunto das suas músicas mais conhecidas: as Bachianas brasileiras.

Bachianas nº 5

Gabriel - A cidade do Rio de Janeiro chegou primeiro e disse:
- Salve, meu filho Heitor, que fugiste de casa aos 16 anos para viver com os chorões.

E chorões vieram chegando no orvalho da madrugada.

E vieram os rameiros do Rio São Francisco, trazendo a voz da terra.
E os índios trazendo outra voz ainda mais da terra, surda e confundida com as folhas.

E os instrumentos mais antigos e os atuais vieram sozinhos, a cabaça, o bandolim, o tamborim, o cavaquinho, a harpa, o caxambu.
E a flauta veio dialogando com a clarineta, na doçura do choro n.2.
E os poetas, sempre à procura de palavras novas forjadas com elementos velhos.

E a gurisada pelo Brasil a dentro, que ficara cantando de roda na calçada as eternas cantigas – capelinha de melão; o cravo brigou com a rosa; escravos de Jô.

E aí, Bach, o próprio Bach em pessoa chegou-se para perto do músico, tocou-lhe o ombro e agradeceu-lhe as Baquianas Brasileiras.

E veio Deus, e disse:

- Glória, a meu filho de estimação Heitor Villa Lobos, que espalhou minha música à face da terra.

Rebeca - “Carlos Drummond de Andrade”.

Villa Lobos, o menino Tuhú, teve a alegria de realizar muitos dos seus sonhos em vida, mesmo os mais doidos. Não é que um dia ele regeu mesmo 40 mil vozes infantis num campo de futebol, como no seu sonho de criança.

Rebeca volta a cantar as cantigas do início acrescentando a “Rosa Amarela”.